

## ***Professores e alunos mais felizes em sala de aula: o relato de duas professoras da Prática Exploratória***

**Josefina Carmen Diaz de Mello**

UERJ- FEBF (Faculdade de Educação da Baixada Fluminense)

**Maria Lúcia Wurm**

Rede privada de ensino

**Resumo:** Este relato de duas professoras da Prática Exploratória do Rio de Janeiro apresenta algumas reflexões sobre a prática vivenciada em sala de aula, na busca de uma melhor qualidade de vida com a intenção de alunos e professores serem mais felizes nas suas atividades diárias. Argumentamos que, em qualquer nível em que o professor atue, os princípios da Prática Exploratória apontam possibilidades de tornar essa relação entre os praticantes, uma relação construtiva e feliz.

**Palavras-chave:** *Prática Exploratória, praticantes, qualidade de vida, sala de aula.*

Como professoras-regentes de língua inglesa no Ensino Fundamental do Rio de Janeiro, na rede pública e privada de ensino, trabalhamos com alunos de 5<sup>a</sup> à 8<sup>a</sup> séries, com graduação e pós-graduação na rede pública e privada de ensino.

Na nossa função de orientadoras de pesquisa na graduação e na pós-graduação, ouvimos nossos aprendizes se questionando e desabafando: “por que um grupo de alunos não se interessa pela minha aula de inglês?”, “por que a maior parte dos alunos se recusa a participar de atividades orais em inglês?”, “por que os alunos de graduação e de pós-graduação sentem medo e uma certa angústia quando falamos em *pesquisa* ou *monografia*?”, “por que é tão difícil fazer uma pesquisa?”, “por que não consigo encontrar o meu foco de pesquisa?”, “por que não me sinto motivado o suficiente para desenvolver um trabalho monográfico?”.

Quando perguntamos aos nossos alunos, ao trabalhar um texto em sala de aula, se eles gostaram do assunto e *por que*, verificamos que eles têm dificuldade de responder. Muitas vezes nos deparamos com o silêncio. Não é fácil colocar as dificuldades, os sentimentos e os anseios no espaço da sala de aula.

Todas essas questões e até os silêncios reforçam a importância de nós, professores, dialogarmos com nossos alunos sobre a relevância do estudo da língua inglesa e da pesquisa, para compreender o mundo, para compreender os outros e as próprias interações que se estabelecem nos espaços sociais que nós e nossos alunos ocupamos no nosso dia-a-dia. Além

disso, podemos, também, apontar para a aprendizagem da língua e a prática de pesquisa como possibilidades de inserção social do nosso aluno, enquanto ser humano e cidadão crítico, ao mesmo tempo.

Os “porquês” ou os *puzzles*, formulados por nós e por nossos alunos, apontam para um tipo de relação em sala de aula que só se constrói quando o espaço de ensino-aprendizagem se concebe como um espaço interacional onde existe a oportunidade de pesquisar – de se tentar compreender os “porquês” e, não necessariamente, de se tentar resolvê-los. Essa oportunidade investigativa pode ser legitimada como uma prática da sala de aula inserida naturalmente no dia-a-dia das práticas pedagógicas, onde acontece o descondicionamento de “fórmulas ou respostas prontas”. Assim, estimulamos e mantemos no nosso aluno o fascínio da pesquisa, da descoberta. Estamos nos referindo à nossa busca pela *qualidade de vida em sala de aula* (Allwright, 2003). Esse é um dos princípios da Prática Exploratória (PE), desenvolvida em colaboração com o professor Dick Allwright.

Nossa participação, há pelo menos nove anos, com o Grupo da Prática Exploratória do Rio de Janeiro, tem nos ajudado a perceber o quanto é importante que nós, praticantes (professores e alunos), trabalhemos juntos, unidos, não só para nos envolver e refletir, e até compartilhar tanta angústia, sobre a vida na sala de aula, como também para incorporarmos os princípios da Prática Exploratória.

Percebemos que isso não só tem enriquecido “a qualidade de vida” na nossa sala de aula, como também *fora* dela. O que ocorre é que a qualidade de vida na sala de aula e fora dela vai depender da forma como observamos um determinado grupo e aprendemos a lidar com os seus integrantes, os quais trazem consigo os seus valores, seus ideais, objetivos, emoções e identidade cultural. A crescente competitividade imposta pela sociedade moderna estimula, por um lado, a superação de nossos limites, mas por outro, bloqueia a busca verdadeira de nossos anseios, em função de projetos mais imediatos, compatíveis com o contexto em que vivemos e com as dificuldades naturais de sobrevivência dos professores e alunos.

A Prática Exploratória (PE), então, auxilia os que consideram que pesquisar é indispensável para se construir uma relação ensino-aprendizagem produtiva, com foco no auto-conhecimento e na compreensão do outro e, sobretudo, em um processo de reflexão permanente. No contexto da graduação e pós-graduação, por exemplo, o trabalho da PE facilita o desenvolvimento da auto-estima, na medida em que este sentimento é fruto de uma conscientização de nossos talentos e competências, e não somente de avaliações externas. A PE é sedutora porque nos permite continuar a trabalhar com a pesquisa nos moldes tradicionais, se assim desejamos, mas já com outro olhar, assim como expressar opiniões e experiências

pessoais relacionadas com nosso histórico profissional e afetivo. Possivelmente, essas revelações pessoais e afetivas, resultantes de nossas vivências e reflexões contínuas constituem a base, o fundamento da Prática Exploratória, que se reflete no desenvolvimento e valorização do professor e do aluno.

Essa valorização do profissional de educação como pesquisador e que é defendida pela Prática Exploratória, tem estimulado ainda mais o nosso crescimento intelectual porque ela nos permitiu a desmistificação da pesquisa tradicional como um processo muito penoso e difícil de se concretizar. Como praticantes exploratórios, percebemos que, na medida em que pesquisamos, procuramos informações para entender nossos *porquês* (e os dos alunos) nas nossas salas de aula, através da adaptação de atividades de ensino-aprendizagem que foram denominadas de “potentially exploitable pedagogic activities” (PEPAs) por Allwright e traduzidas para o português, pelo Grupo da PE, como “atividades pedagógicas com potencial exploratório” (APPEs). Essas atividades são vivenciadas com os alunos como discussões/negociações, dramatizações, vídeos e textos orientados pelos *puzzles*, entrevistas com colegas e professores envolvidos nos projetos que temos realizado.

Na última década, muitos professores que pertencem ao grupo da Prática Exploratória têm estimulado o lado pesquisador dos alunos na medida em que abrem espaço para eles investigarem as suas questões. Enquanto professoras “exploratórias”, como temos sido carinhosamente denominadas em cada espaço onde levamos os princípios da Prática Exploratória, temos tentado tornar a nossa escola mais interessante, procurando levantar a auto-estima de nossos alunos porque nós, os praticantes desse processo, nos envolvemos e nos sentimos realmente estimulados a pôr em prática os princípios desse paradigma de pesquisa. A participação no grupo da Prática Exploratória tem dado oportunidade de nos conhecermos melhor enquanto pessoas que vivem em um mundo conflitante e que têm dúvidas, fraquezas, medos, angústias, principalmente diante de situações conflitantes na nossa sala de aula.

Nesse sentido, continuamos a participar da Prática Exploratória até os dias atuais porque já internalizamos ao longo desse tempo que essa é “uma maneira indefinidamente sustentável” de viver nossa vida cotidiana e na nossa prática profissional, nos dando prazer, estímulo, alegria e vontade de estar sempre trabalhando em prol de uma melhor *qualidade de vida*.

A nossa vivência, “respirando” a Prática Exploratória, participando quando possível dos encontros do grupo, apresentando os “pôsteres” das nossas pesquisas nos tem seduzido e motivado para continuar vivenciando seus princípios. Sentimos que, a cada dia que passa, estamos prontas para mergulhar e buscar compreender um novo *puzzle* que venha a surgir. O que no início nos parecia ser angústia (e talvez fosse), se transforma em um desafio que

estimula a nossa auto-estima a continuar indefinidamente. A cada momento desse processo sentimo-nos cada vez mais felizes e realizadas. Essa é a felicidade, o prazer pessoal e profissional que a Prática Exploratória nos permitiu descobrir e que desejamos compartilhar com alunos e colegas. Talvez por isso tenhamos sido denominadas pelo próprio grupo da Prática de “professoras multiplicadoras do Grupo da Prática Exploratória do Rio de Janeiro.”

Acreditamos que essa é uma nova forma de buscar *qualidade de vida* no nosso trabalho como professoras e orientadoras – uma nova forma de sermos felizes e de fazermos com que nossos alunos também sejam mais felizes.

### **Referência bibliográfica**

Allwright, D. (2003). Exploratory Practice: Rethinking practitioner research in language teaching. *Language Teaching Research*, 7 (2), 113-141.

### **AS AUTORAS**

Josefina Carmen Diaz de Mello  
Mestre em Educação pela UFRJ, é atualmente Doutoranda da UERJ.  
E-mail: epcentrerio@hotmail.com

Maria Lúcia Wurm  
Mestre em Linguística, pela UFRJ.  
E-mail: epcentrerio@hotmail.com

